

WEB
DOC

UFPA
60
anos
1957-2017

WEBDOC UFPA 60 ANOS

Dos anos
dourados aos
anos de chumbo,
a construção da
universidade na
Amazônia.

ROTEIRO ADAPTADO DO RADIODOCUMENTÁRIO:

UFPA 60 anos - Dos anos dourados aos anos de chumbo, a construção da Universidade na Amazônia.

REALIZAÇÃO

Rádio Web UFPA

APRESENTAÇÃO, PRODUÇÃO E ROTEIRO

Elissandra Batista

GRAVAÇÃO E MONTAGEM

João Nilo

SUPERVISÃO E EDIÇÃO

Elissandra Batista e Fabrício Queiroz

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Marcio Novelino

FOTOS

Acervo Museu da UFPA

COORDENAÇÃO GERAL

Rosane Steinbrenner

APRESENTAÇÃO



ELISSANDRA BATISTA

Jornalista

ENTREVISTADOS



ALCYR MEIRA

Engenheiro e arquiteto, Alcyrr Meira foi diretor do Departamento de Planejamento da Universidade Federal do Pará no período de implementação do atual campus do Guamá e recebeu o título de professor Emérito da instituição em 2013.



CHRISTIAN COSTA

Engenheiro Civil e professor do curso de licenciatura em Educação Física, Christian Costa está na Universidade Federal do Pará desde 1975.



EDILZA FONTES

Graduada em História, doutora em História Social, professora associada IV da UFPA. Em 1981, foi a primeira mulher eleita diretamente para a coordenação do Diretório Central dos Estudantes (DCE). É organizadora do livro UFPA 50 Anos - Histórias e Memórias e presidiu a Comissão "César Leite" de Memória e Verdade da Universidade Federal do Pará



EMMANUEL TOURINHO

Doutor em Psicologia Experimental, professor titular da UFPA e pesquisador do Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento. Atualmente ocupa o cargo de reitor da Universidade Federal do Pará (2016-2020)



NAZARÉ CARDOSO

Técnico-administrativa da Universidade Federal do Pará. Com 51 anos de trabalho, é a servidora ativa com mais tempo de atuação na UFPA.

ALCYR MEIRA

“A minha formação toda foi feita justamente dentro da universidade, e de tal modo, eu fui me aclimatando a essa casa magnífica que é a universidade, que ela realmente se tornou não a extensão, mas se tornou a minha casa também. À ela estou vinculado antes mesmo da sua fundação.”

APRESENTADORA

A declaração gravada durante um seminário em comemoração aos 60 anos da Universidade Federal do Pará é de Alcyr Meira, professor aposentado e ex vice-reitor da UFPA.

O engenheiro se orgulha de ter participado efetivamente do processo de implantação e de construção da maior universidade da Amazônia. Ele conta um pouco dessa história que, oficialmente, começou no dia 2 de julho de 1957. Foi nessa data que Juscelino Kubitschek, então presidente do Brasil, sancionou a lei nº 3.191, criando a primeira universidade federal da região Norte.

ALCYR MEIRA

“Ainda estudante de Engenharia fui presidente da União Acadêmica Paraense (UAP) no biênio 1954-1956. Havia prometido em campanha pela presidência da UAP propugnar pela criação da nossa universidade. Mantive permanente e estreito contato com os deputados, em especial com os paraenses, com a bancada paraense, acompanhando a tramitação do referido projeto, intercedendo junto aos parlamentares para que o aprovassem

nas várias comissões. Ao término do meu mandato, que coincidiu com a aprovação do projeto no congresso, recebi telegramas da bancada paraense, de todos eles, comunicando a prazerosa notícia: a Universidade do Pará era enfim uma realidade. Em 2 de julho de 1957 foi sancionada a lei nº 3.191 pelo presidente Juscelino Kubitschek, criando a Universidade Federal do Pará. Dezoito meses depois, a universidade foi festivamente instalada em sessão solene realizada no Theatro da Paz, presidida pelo presidente da república, a quem tive a honra de receber e encaminhar ao palco. Ele fazia se acompanhado pela primeira dama, dona Sara Kubitschek.”

APRESENTADORA

E, assim, nasce a Universidade Federal do Pará. Foi a conquista de uma luta que segundo os historiadores já vinha sendo travada desde o início da república no Brasil. Nesse momento, sete faculdades que já existiam em Belém são integradas à nova instituição de ensino superior: Direito, Farmácia, Odontologia, Medicina, Engenharia, Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais e ainda Filosofia, Ciências e Letras. Indicado pelo major Magalhães Barata, então governador do Pará, o primeiro reitor foi o professor da faculdade de Direito Mário Braga Henriques, que exerceu o mandato entre novembro de 1957 e dezembro de 1960. Nesse período de transição entre décadas, diversos acontecimentos marcam a vida no Brasil e, claro, influenciam no desenvolvimento do ensino superior no Pará. E um pouco dessa história você acompanha agora no rádiodocumentário UFPA 60 anos.

APRESENTADORA

Anos 50, uma década também chamada de anos dourados. No mundo, uma guerra fria bipolariza as nações entre duas grandes potências: a então União Soviética, socialista, e os Estados Unidos, capitalista.

Depois de duas sangrentas guerras mundiais, a disputa estratégica e os conflitos indiretos evitam o confronto armado e influenciam internacionalmente no cenário político, militar, econômico, social e tecnológico.

No Brasil, a população vive um “boom” do progresso e da industrialização com os planos de meta dos governos Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek.

Com o lema da campanha eleitoral 50 anos em 5, o plano de metas de JK priorizava cinco setores: energia, transporte, indústria, educação e alimentação. Mas o investimento nas duas últimas áreas era considerado insignificante.

No final dos anos 50, metade da população Brasileira era analfabeta e o presidente enfrentava críticas pelas poucas ações na área educacional. Situação que pode ter influenciado a sanção da lei de criação da Universidade Federal do Pará.

O projeto de autoria do deputado Epílogo Gonçalves de Campos, retomado por João Guilherme Lameira Bittencourt, já tramitava há cinco anos no congresso nacional, comenta a historiadora e professora da UFPA Edilza Fontes.



Cerimônia solene de instalação da Universidade Federal do Pará realizada em 1959, no Theatro da Paz. Na foto, da esquerda para a direita, o então governador do Pará, Magalhães Barata, o presidente Juscelino Kubitschek, e Mário Braga Henriques, primeiro reitor da UFPA. Foto: Acervo Museu da UFPA

EDILZA FONTES

“Quando a universidade é criada ela na verdade é o resultado já de uma luta já de algumas décadas. Em 1957 isso é concretizado pelo Presidente Juscelino Kubitschek. Vale ressaltar que o Juscelino ele estava sendo muito criticado por que se dizia que uma das metas dele que era da educação ele tinha feito muito pouca coisa, ele tinha centrado muito em construção de estradas. Então, na verdade, também a criação da Universidade Federal do Pará, que não existia nenhuma universidade federal no norte do país, é um pouco mais resposta a isso. Então quando ele cria a universidade é em meio a essa crítica. Ele só vem aqui dois anos depois aí que nós vamos ter aula inaugural da universidade no Theatro da Paz, com a presença do então ainda governador Magalhães Barata que vai morrer em 1959. Nas negociações políticas o nosso primeiro reitor vai ser o Mário Henriques que é um advogado e é uma indicação do Barata. E o Mário Henriques ele fica muito ainda no Rio de Janeiro. Ele fica muito administrando a universidade a distância. Isso era uma das grandes críticas a sua gestão”.

APRESENTADORA

Ainda no início da gestão de Mario Braga Henriques, em janeiro de 1958, o engenheiro Alcyrr Meira assume a direção da Divisão de Obras da UFPA. Ele foi o sexto funcionário a ser nomeado para a nova instituição de ensino superior na Amazônia.

ALCYR MEIRA

“Durante os três anos da administração do professor Mario Braga Henriques, o primeiro reitor, a Divisão de Obras efetuou ligeiras reformas nos prédios que abrigavam as faculdades e escolas, a maioria próprios, quase todos em precárias condições de conservação. É que a universidade foi criada congregando sete faculdades e escolas existentes. Então, todas essas unidades trouxeram para o pavilhão da instituição que estava sendo criada os seus patrimônios pessoais. Eram prédios velhos, antigos, completamente obsoletos e que estavam, alguns, em ruína e que houve realmente uma recuperação de todas essas edificações”.

APRESENTADORA

Das primeiras obras emergenciais, a construção e inauguração do atual campus universitário professor José Rodrigues da Silveira, no bairro do Guamá, em Belém, a integração efetiva das faculdades e escolas de ensino superior que já funcionavam isoladamente em 1957 passou por um longo e desafiador processo de reconhecimento para a formação de uma identidade própria, conta a professora Edilza Fontes.

EDILZA FONTES

“Isso teve muitos problemas. O primeiro foi a questão da sede da reitoria, quer dizer que seria sede administrativa dessa

unidade. Então nós não tínhamos um espaço nosso, fomos para o aluguel de casas. Um problema também porque quando você junta várias faculdades, você tem corpo docente diferenciado, como é que isso entrava numa folha só? Aí vem a questão do salário, como remunerar? Teve muitas faculdades passaram muitos anos que os professores não eram reconhecidos e ficaram brigando inclusive na justiça. Um outro problema era a questão da seleção porque durante muitos anos as faculdades faziam seleções tipo vestibulinho separados e tinham as suas regras. Então isso também foi uma questão colocada nos anos 60 ter um único processo seletivo. Isso só vem com a reforma universitária. Então foi todo um processo para construir essa identidade. Mas acho que hoje a nossa universidade ela tem uma identidade própria. Uma cara para as pesquisas dentro da universidade é muito relacionada com a nossa realidade regional. Eu acho que a gente buscou isso o diálogo com essas especificidades regionais. Eu acho que isso é muito importante para nós”.

APRESENTADORA

A década de implantação da Universidade Federal do Pará é marcada por diversos acontecimentos que influenciam diretamente no comportamento da sociedade brasileira.

A inauguração da TV Tupi, o primeiro canal de televisão da América Latina, a realização de uma copa do mundo de futebol, em 1950, além da conquista do campeonato pela primeira vez em 1958 na copa da Suécia.

Prédio da antiga
Faculdade
de Ciências
Econômicas,
Contábeis e
Atuariais, uma das
sete instituições
que deu origem à
UFPA. Foto: Acervo
Museu da UFPA



Também nos anos 50, é realizada a I Bienal Internacional de Artes de São Paulo e a Bossa Nova começa a fazer sucesso com João Gilberto, Vinicius de Moraes e Tom Jobim.

Enquanto isso, no governo de Juscelino Kubtschek são abertos 20 mil quilômetros de estradas, fundados estaleiros, iniciadas as obras de novas usinas hidrelétricas e a indústria de bens de consumo duráveis tem uma grande expansão.

Com a economia aberta para o capital estrangeiro, JK atrai empresas multinacionais, principalmente, do setor de automóveis. Nesse cenário positivo, a população brasileira cresce em torno de 35%, passando de 52 para 70 milhões de habitantes.

O aumento da população urbana foi de 59% contra 13% da população rural. O índice que sobe de 36% para 44% no total é explicado pela crescente industrialização das capitais do Sul e Sudeste, ocasionando um forte êxodo rural.

Além disso, Juscelino Kubistchek constrói Brasília e em 1960 transfere a capital do País do Rio de Janeiro para o Distrito Federal. Uma forma de consolidar a integração territorial e interiorizar o desenvolvimento.

Mas, ainda no final da década de 1950, o modelo econômico adotado por JK ocasiona dois graves problemas: dívida externa e inflação elevadas.

Nessa realidade, depois de cinco anos na presidência, JK deixa o governo para Jânio Quadros, eleito em 3 de outubro de 1960, década marcada no Pará pela construção e inauguração do campus da Universidade Federal, em pleno os anos de chumbo no Brasil.

Em 1961, Jânio Quadros é o primeiro presidente a tomar posse em Brasília, a nova capital brasileira. Com o slogan “varre, varre vassourinha, varre varre a bandalheira”, Jânio prometia varrer a corrupção no país, equilibrar as finanças públicas e diminuir a inflação.

Mas com apenas sete meses de governo renunciou ao cargo depois de tomar várias medidas que desagradaram a população, a base de apoio e setores das forças armadas

A renúncia causou uma crise política até então sem precedentes no Brasil. O vice-presidente era João Goulart que já no cargo viu o congresso aprovar o sistema parlamentarista diminuindo o poder do presidente. Isso porque grupos conservadores associavam João Goulart a possível instalação do comunismo no Brasil.

Mas em 1963, em plebiscito, a população vota pelo retorno do presidencialismo e João Goulart defende a realização das chamadas reformas de base que poderiam promover a distribuição de renda no País.

Assim, começa o movimento que culminou com o golpe e a ditadura militar em 1964. Nesse período, as universidades brasileiras começavam uma reestruturação acadêmica e administrativa por meio de reformas estatutárias.

No Pará, a Universidade Federal vivia a gestão do segundo reitor. Era o professor da Faculdade de Medicina José Rodrigues da Silveira Neto. De fato, ele dava os primeiros passos para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão na região amazônica.

Quem lembra muito bem disso é Alcyr Meira que continuava a frente da Divisão de Obras que depois virou Departamento de Planejamento e Obras da UFPA.

ALCYR MEIRA

“A lei nº 4.233 de 18 de novembro de 1963, publicada dois meses após a vigência do nosso estatuto, veio a promover uma reestruturação mais atualizada, bem mais ampla do que a anterior, possibilitando a criação de novos cursos e novas atividades básicas, sempre voltadas ao desenvolvimento regional e as atividades fins da universidade. Surgiram depois as leis nº 5.539, em 1968, e 5.540, também de 1968, ambas estabelecendo critérios mais modernos para o funcionamento das universidades brasileiras e logicamente repercutiu na nossa universidade”.

APRESENTADORA

Nessa época, a reitoria da Universidade já funcionava no Palacete Augusto Montenegro, atual Museu da UFPA, na avenida Governador José Malcher, no centro de Belém. A técnica administrativa Nazaré Cardoso começou a trabalhar no local em 1966.

NAZARÉ CARDOSO

“Ali naquele prédio funcionavam os departamentos administrativos da universidade, para você ver o quanto era pequena ainda a universidade. Funcionavam os departamentos de finanças, recursos humanos, procuradoria geral, secretaria dos conselhos, tudo ali naquele prédio. Foi na época que eu entrei ainda

do professor José Silveira Netto, que foi já o segundo reitor da universidade. E eu entrei no último ano da administração dele”.

APRESENTADORA

Cinquenta e um anos depois de começar a trabalhar na universidade, Nazaré Cardoso continua exercendo funções na secretaria do gabinete da reitoria. É a servidora mais antiga ainda em atividade e guarda na memória um momento marcante na trajetória enquanto funcionária pública da UFPA.

NAZARÉ CARDOSO

“Foi a primeira missa de inauguração aqui dentro do campus que foi as margens do rio, perto de onde é a capela agora daqui da universidade. Foi um momento simbólico, extraordinário. O campus ainda não era habitado por ninguém, era uma mata virgem, praticamente. Só tinha ainda o prédio onde funcionava o prédio da reitoria agora, com alguns departamentos, muito poucos. Naquela época, o professor José Silveira Neto estava tentando transferir aquele prédio da Universidade, que é o prédio onde é o museu, para o campus da Universidade. Nós já passamos para cá, para trabalhar no campus, já na administração do doutor Aluísio Chaves, que foi o sucessor do doutor Silveira Neto”

APRESENTADORA

A inauguração oficial do atual campus universitário professor José Rodrigues Silveira Netto foi no dia 13 de agosto de 1968.

Na época, o projeto era denominado Conjunto Universitário Pioneiro da Universidade Federal do Pará.

A cerimônia de inauguração contou com a presença do então presidente da república o general Arthur da Costa e Silva.

Autor do audacioso projeto de engenharia e arquitetura, que valorizava a identidade amazônica, o professor Alcyr Meira não esquece o que ele considera um dos momentos mais emocionantes da vida dele.

ALCYR MEIRA

“Após cortada a fita de inauguração, o presidente, acompanhado do ministro da educação Cassio Dutra e dos demais ministros, deslocou-se para um pavilhão de salas de aulas teóricas transformadas em auditório, graças a flexibilidade do projeto, um dos fundamentos da concepção arquitetônica do conjunto pioneiro, que estava ali, na prática, sendo confirmada. Na inauguração, um grande auditório capaz de atender 200 pessoas. A assembleia universitária foi instalada tendo o reitor procedido a oração de abertura, após o que foi outorgado ao presidente da república o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal do Pará. À noite, em sessão solene, realizada no Theatro da Paz, fui levado ao encontro do presidente, a seu pedido, quando recebi congratulações pelo trabalho realizado, aquele foi, indubitavelmente, um dos mais emocionantes da minha vida”.



Imagem aérea da construção do campus universitário do Guamá.
Foto: Acervo Museu da UFPA

APRESENTADORA

E a emoção do engenheiro e então professor Alcyr Meira não era para menos. Afinal, aquele momento consagrava um período intenso de dedicação e muito esforço na execução do projeto. Uma verdadeira missão que começou ainda em 1963.

Nessa época, com o total apoio do governo federal, a reitoria conseguiu adquirir um terreno com mais de 449 hectares, em localização privilegiada: às margens do Rio Guamá.

As obras começaram no ano seguinte, 1964. Uma parte considerável da área hoje construída precisou ser aterrada, mas apesar de todos os obstáculos, principalmente tecnológicos, não faltaram esforços para a sucesso do trabalho.

Até uma draga específica para o aterro hidráulico foi enviada de Brasília pelo Ministério dos Transportes, o que barateou e agilizou a obra.

Em um mês, depois da chegada do equipamento, a operação de aterro já estava concluída. Começava de fato a implantação do Conjunto Universitário Pioneiro.

Uma obra que ganhou destaque nacional por apresentar soluções avançadas e inéditas para a época. E tudo com a premissa de um padrão arquitetônico ecológico, voltado para a realidade local, detalha Alcyr Meira.

ALCYR MEIRA

“No desenvolvimento do plano, nós levamos em consideração uma filosofia básica do campus, que ele fosse realizado

dentro de um padrão de arquitetura eminentemente regional, utilizando materiais regionais e, acima de tudo, configurando um novo padrão de arquitetura para a cidade de Belém, fundamentalmente. A nossa cultura era fundamentada em padrões europeus e esses padrões europeus estabeleciam realmente algumas soluções que eram compatíveis com o clima da Europa, com a situação ecológica da Europa, mas não com a nossa região.”

APRESENTADORA

Em 1968, quando o presidente Costa e Silva inaugura o Conjunto Universitário Pioneiro da Universidade Federal do Pará, o Brasil vive o período mais intenso e violento do regime ditatorial.

A morte do estudante secundarista Edson Luís em confronto com a polícia aumenta a revolta, principalmente, dos movimentos estudantis que ganharam força com a chamada passeata dos 100 mil, realizada no Rio de Janeiro. Uma reação que se intensifica por todo o País. No Pará, a situação não era diferente resalta a historiadora Edilza Fontes.

EDILZA FONTES

“Quando tem o golpe de 64, a Universidade ainda está ainda se construindo, mas ela vai receber muitos recursos dos governos militares. Havia uma proposta de modernização que a gente chama hoje uma certa modernização conservadora porque era uma modernização eminentemente técnica, não pensava nessa discussão dos direitos humanos, da liberdade de expressão. En-

tão nós vamos receber recursos para construção do campus. Em 1968, nós vamos ter inauguração do campus do Guamá, em agosto. Em 1968, nós vamos ter no primeiro semestre aquelas manifestações no Rio de Janeiro, também a morte do Edson Luiz no restaurante Calabouço, que é em março. O estudante Edson Luís é paraense. Vamos ter várias manifestações aqui também no Pará, atos públicos na Assembleia Legislativa, missa de sétimo dia do Edson Luiz. Enquanto isso, o movimento estudantil está muito fortalecido a nível do Rio de Janeiro e São Paulo. Mas os estudantes aqui também estão percebendo isso, também estão dialogando com isso”.

APRESENTADORA

Com o fortalecimento dos setores contrários a ditadura, o presidente Costa e Silva sente a ameaça. E para manter o regime aumenta a repressão com o Ato Institucional número 5.

Com o AI-5 os militares têm um instrumento jurídico para suspender todas as liberdades democráticas e direitos constitucionais.

Assim, a polícia ganha ainda mais poder para investigar, perseguir, prender e torturar qualquer cidadão considerado subversivo.

Uma realidade também enfrentada por muitos estudantes e professores da UFPA, que além do fim da ditadura exigiam reforma universitária. Inclusive, a visita do presidente Costa e Silva na inauguração do campus, 4 meses antes da instauração do AI-5, foi alvo das manifestações.

EDILZA FONTES

“Vivíamos esse clima em 1960, na Universidade. Ao mesmo tempo que ela estava sendo construída, nós estamos recebendo verbas, nós estávamos discutindo a reforma universitária que foi o outro grande problema que começa a se discutir aqui em 1967. Em 1968, ela é o grande mote novamente do movimento estudantil. Porque em 1968, quando Costa e Silva vem inaugurar o campus, o que que os estudantes fazem? Eles ocupam as faculdades. Quando ele chega aqui, nós só temos duas faculdades que não estão ocupadas que a faculdade de Farmácia e a faculdade de Odontologia. Inclusive o professor Silveira Neto ficou muito aborrecido, propõe Honoris Causa para o Costa e Silva, que é aceito pelo Conselho Universitário. Ele ganha essa honraria, mas ele encontra nossas faculdades todas ocupadas. Os estudantes entregam um documento para ele com os problemas que estão acontecendo dentro da Universidade, principalmente os estudantes de Medicina. E passa as ocupações das universidades, quando é no dia 7 de setembro eles entram na Marcha, atrapalham o 7 de setembro, gritando contra a ditadura. O governador é o Alacid Nunes. O último grande ato de protesto. E logo depois vamos ter o decreto do AI-5, que é 13 de dezembro”.

APRESENTADORA

O governo do general Costa e Silva acabou no dia 31 de agosto de 1969. Mas a ditadura militar ainda estava longe do fim.

Até o início dos anos 80, os mecanismos de controle e

repressão ainda eram intensos, apesar dos fortes sinais de colapso do regime. Nessa época, por exemplo, ainda funcionava na UFPA a Assessoria de Segurança e Informação (ASI) diretamente ligada à inteligência do regime militar.

E é nessa época também o acontecimento mais trágico da ditadura dentro da universidade: a morte do estudante de matemática Cesar Moraes Leite. Ele foi atingido com um tiro disparado por acidente da arma de um policial federal infiltrado dentro de uma sala de aula no pavilhão F do setor básico, no campus do Guamá.

A tragédia reacende a luta do movimento estudantil.

EDILZA FONTES

“Foi uma comoção o enterro do César. Os estudantes saíram em passeata, mais de 5 mil pessoas na rua, em uma chuva torrencial. Depois nós fizemos uma missa de sétimo dia, um culto ecumênico que marcou. Nós queríamos demonstrar que os órgãos do SNI estavam aqui dentro da Universidade. Nós queríamos que eles fossem retirados da Universidade. E, realmente, depois a gente pegou a pesquisa, a documentação e via a instalação do SNI aqui. Eles produziam relatórios. E o César foi uma vítima disso, foi uma vítima dessa situação. Então nós passamos por tudo isso e também fizemos a nossa greve pela reposição de verbas. Tinha uma bandeira naqueles anos muito importante para os estudantes pobres, que era cursos noturnos. Só que a noite essa Universidade, em 1981, ela ficava às escuras porque

não tinha luz, porque a Universidade não tinha dinheiro para pagar a luz, não tinha recursos. Foi uma greve vitoriosa porque nós fomos umas das poucas universidades, no Brasil inteiro, que fez uma greve por suplementação de verbas da UFPA e essa suplementação veio. Foi na minha gestão, eu era presidente do DCE. Foi em 1981.”

APRESENTADORA

Do movimento pela redemocratização do país que culminou com eleições diretas em 1985, às lutas por qualidade do ensino e pela inclusão social, as lideranças estudantis na UFPA sempre foram fundamentais nas conquistas que transformaram a Universidade na maior instituição de ensino superior do norte do País.

O professor doutor Christian Costa hoje atua na Faculdade de Educação Física, mas a relação dele com a UFPA começou há mais de 40 anos. Em 1975, foi calouro da primeira turma de Engenharia Civil a estudar no campus do Guamá. Ele lembra a realidade na época.

CHRISTIAN COSTA

“O grande problema para assistirmos as aulas era o barulho das bate-estacas. Era um canteiro de obras muito grande e ao mesmo tempo, para nós, da Engenharia Civil, era uma oportunidade para estarmos vendo desde as fundações até obras já concluídas. Mas era completamente diferente, havia só aquele bloco que hoje chamamos o Profissional, eram poucas pessoas

circulando aqui no campus. E a área que, hoje, ali onde está o Bettina, ali o hospital e o outro campus lá, não existia né, era uma floresta. E hoje a gente já sai lá pelo Parque Tecnológico, a coisa foi crescendo, foi se expandindo muito”.

APRESENTADORA

Da implantação em 1957 e a inauguração do campus do Guamá em 1968, a UFPA se expandiu em Belém e no interior da Amazônia paraense.

Graças à dedicação e ao empenho de alunos, professores e técnico-administrativos, hoje a UFPA é uma cidade com população universitária superior a 60 mil habitantes, distribuídos por 12 campi, dedicados ao ensino, à pesquisa e à extensão.

Uma história de muitos avanços e importantes conquistas, mas também de muitos desafios sempre pensando no desenvolvimento científico, tecnológico e humano da Amazônia, avalia o atual reitor Emanuel Tourinho.

EMMANUEL TOURINHO

“Em termos de evolução da Universidade, sem dúvida alguma, conseguimos construir aqui uma das experiências bem mais sucedidas de educação superior no País e uma das experiências bem mais sucedidas de transformação da nossa realidade social. Eu acho muito difícil você falar hoje de qualquer setor da sociedade no estado do Pará que não usufrua, de algum modo, do trabalho da Universidade. Nós estamos em todos os lugares, em

todas as organizações, seja com o pessoal formado por nós, seja alcançando as pessoas com os serviços que nós prestamos, com o conhecimento que a gente produz. Então, penso que somos uma história de sucesso. De sucesso acadêmico e de sucesso social. Agora, temos outros desafios. Vamos continuar esse esforço e penso que o futuro da Universidade será cada vez mais notável, de cada vez mais maior eficiência, e eu falo eficiência no sentido mesmo de cumprir aquilo que é importante para a sociedade”.



A C E S S E
radio.ufpa.br